

Perfil e estratégias de famílias de escolas privadas de Belo Horizonte durante a pandemia de covid-19

Resumo: O texto apresenta pesquisa acerca das estratégias educativas empregadas por famílias cujos filhos estavam matriculados em escolas privadas de Belo Horizonte, durante o ano de 2020, no contexto do ensino remoto imposto pela pandemia da covid-19. Primeiramente, foi utilizado um questionário digital com o objetivo de traçar um perfil sociológico dos sujeitos. Em seguida, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que visaram conhecer detalhes das estratégias que as famílias utilizavam para lidar com essa modalidade atípica de educação em ambiente doméstico. Os resultados indicam que as famílias convertem as vantagens proporcionadas pelos seus capitais em estratégias educacionais de dimensão material e cultural decisivas para melhor lidar com o contexto adverso do ensino remoto.

Palavras-chave: desigualdades socioeducacionais; elitização do ensino; desigualdades sociais.

João Eduardo Quadros
joeduq@gmail.com

Profile and strategies of private schools families in Belo Horizonte during the covid-19 pandemics

Abstract: The text presents research of educational strategies used by families who had their children enrolled in private schools in Belo Horizonte/MG/Brazil in 2020, during the remote teaching period imposed by the covid-19 pandemics. First of all, an online survey was used to identify the sociological profile of the studied group. Then, semi structured interviews were conducted to learn the details of strategies that families use to deal with this atypical form of education in a domestic environment. Results suggest that families convert privileges provided by their capitals in material and cultural educational strategies that are decisive for them to deal with the adverse context of remote teaching.

Keywords: socioeducational inequalities; elitization of education; social inequalities.

Perfil y estrategias de familias de escuelas privadas de Belo Horizonte durante la pandemia de COVID-19

Resumen: En el texto se presenta una investigación acerca de las estrategias educativas implementadas por familias cuyos hijos estaban matriculados en escuelas privadas de Belo Horizonte durante el año 2020, en el contexto de educación a distancia impuesto por la pandemia de covid-19. Primero, se utilizó un cuestionario digital, con el objetivo de trazar un perfil sociológico de los sujetos. Luego, se realizaron entrevistas semi estructuradas apuntadas a conocer detalles de las estrategias que las familias utilizaron para lidiar con esa modalidad atípica de educación en el ambiente doméstico. En los resultados se indica que las familias convier-

ten las ventajas brindadas por su capital en estrategias educacionales de dimensión material y cultural decisivas para afrontar un contexto adverso de educación a distancia.

Palabras clave: desigualdades socioeducativas; elitización de la educación; desigualdades sociales.

Introdução

A pandemia da covid-19 vem impactando severamente o já comprometido funcionamento do campo da Educação ao redor do mundo, forçando a suspensão de aulas presenciais e o estabelecimento de um novo cotidiano escolar emergencial. Segundo o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), 90% dos alunos ao redor do mundo tiveram suas escolas fechadas, com mais de um terço dos alunos sem acesso a nenhuma forma de educação remota. (FORE, 2021) A instituição ainda estima que 24 milhões de crianças e adolescentes devem ficar fora da escola, algo que não era visto há anos.

Se o impacto negativo do fechamento das escolas é inegável, a dimensão dos prejuízos nas diferentes regiões do planeta foi notadamente desigual. Na América Latina, o número de alunos com educação regular comprometida atinge os 97%, perdendo em média, quatro vezes mais dias letivos do que o resto do mundo e, até novembro de 2020, cerca de um terço das escolas da região ainda não haviam estabelecido data para reabertura. (UNICEF, 2020)

No Brasil, a histórica e persistente desigualdade de oportunidades educacionais ficou ainda mais evidente em meio às dificuldades trazidas pela pandemia. Realizado pelo Datafolha, levantamento feito com 1.518 alunos em junho de 2020 identificou que apesar de 79% dos alunos brasileiros afirmarem receber atividades após o fechamento das escolas, esse percentual varia em 93% para a Região Sul, 87% para a Região Sudeste, as mais privilegiadas, e 60% para a Região Norte, a mais desfavorecida. (DATAFOLHA, 2020)

Se, por um lado, as desigualdades educacionais durante a pandemia ficam evidentes em nível geográfico mais amplo, por outro, faz sentido também pensar que análises tomem como referência unidades mais específicas, como a família, para que o fenômeno seja compreendido de maneira multinível. Acompanhando a redefinição histórica do objeto sociológico relação família-escola para contemplar os processos e estratégias que as famílias lançam mão para assegurar o sucesso escolar dos seus filhos (NOGUEIRA,

2005), é esperado que haja também um direcionamento do olhar para o cotidiano das famílias e das experiências educativas em ambiente doméstico.

Este texto apresenta pesquisa situada no âmbito das desigualdades sociais e educacionais produzidas e reproduzidas pelo fechamento das escolas durante a pandemia da covid-19. Embora as desigualdades educacionais brasileiras sejam originárias de processos históricos múltiplos, é possível perceber uma intensificação desse problema no período de isolamento social. Tendo em vista as transformações ocorridas a partir do estabelecimento do ensino remoto emergencial, o objetivo da presente pesquisa foi identificar o perfil sociológico de famílias cujos filhos estão matriculados em escolas privadas de Belo Horizonte/MG e como esse perfil está vinculado a estratégias cotidianas para minimizar as perdas acadêmicas causadas pelo ensino remoto. De forma a interpretar o fenômeno, tomou-se como pressuposto a perspectiva de Bourdieu (2008), que sustenta haver correspondência entre as posições dos sujeitos no espaço social e suas estratégias de ação. Assim, a noção de estratégia utilizada aqui é de decisões não derivadas de um cálculo puramente racional, mas sim de um senso prático. O pensador francês emprega, frequentemente, a metáfora do jogo, no qual os jogadores não refletem detalhadamente sobre cada decisão tomada na partida, mas sim agem conforme o que lhes foi inculcado. Nessa lógica, as estratégias escolares são derivadas de um “saber jogar o jogo” da obtenção de benefícios escolares. Esse saber é construído pelos grupos sociais de acordo com as posições dos seus membros no espaço social ao longo do tempo.

A escolha pela investigação das práticas cotidianas de famílias de escolas privadas insere-se em um contexto de um país marcado por sistemas educacionais desiguais e excludentes e que acaba por favorecer as famílias que possuem recursos financeiros para investir na escolarização dos seus filhos. Compreensivamente, essa conjuntura incentiva uma atenção especial à situação das camadas populares, mas a organização social na qual vivemos cria também seus beneficiários ao reproduzir o favorecimento econômico e cultural e fazer do campo educacional uma instância de legitimação do privilégio. Isso justifica, a meu ver, o estudo das estratégias educacionais das quais se servem grupos mais favorecidos para a reconversão de seu privilégio econômico e cultural em vantagens cada vez mais decisivas para a obtenção de posições sociais mais

elevadas. A decisão de ter como sujeitos de pesquisa famílias cujos filhos estudam em escolas privadas, todavia, não deve ser separada da complexificação que a realidade social impõe dentro desse próprio grupo. A heterogeneidade das escolas privadas impõe a ressalva de ser quase impossível entender uniformemente as práticas familiares quando se analisa somente a tipificação da administração escolar.

Para auxiliar na caracterização do perfil sociológico das famílias, foi utilizado um questionário *on-line* divulgado em grupos de pais e mães nas redes sociais, que contou com 210 respostas ($n = 210$) recebidas entre os meses de maio e novembro de 2020. De forma a complementar a caracterização e a investigar as estratégias cotidianas para lidar com as atividades escolares durante a pandemia, a investigação também fez uso de 21 entrevistas semiestruturadas, realizadas por meio de videoconferência, com todos os respondentes dos questionários que se voluntariaram para essa etapa.

O tipo de amostragem utilizada demonstra necessidade de relativização na extrapolação dos dados. Devido à natureza da divulgação da pesquisa e do instrumento de coleta de dados, é possível pensar que uma primeira clivagem é a de que os respondentes possuem acesso à internet e perícia tecnológica para responder o questionário online. Esse elemento não pode ser ignorado no contexto de um país onde, em 2018, uma em cada quatro pessoas não possuía acesso à rede mundial de computadores. (IBGE, 2020c) Ademais, o efeito de serem pais e mães que estão de certa forma vinculados a grupos de pais e mães de alunos na internet indica que são pais que, em geral, mobilizam suas atenções e esforços às informações sobre atualidades, dicas e sugestões sobre as escolas de Belo Horizonte.

Este artigo está organizado em três partes. Na primeira, será abordado o perfil sociológico das famílias dos respondentes dos questionários na intersecção de indicadores econômicos e culturais, em uma tentativa de entender as posições do grupo pesquisado dentro do espaço social, em uma aproximação com a abordagem teórica de Bourdieu. Na segunda, a intenção é lançar um olhar sobre as estratégias adotadas pelas famílias para lidar com o ensino remoto causado pela pandemia e como essas estratégias estão vinculadas ao perfil geral das famílias. Por fim, serão apresentadas considerações de como o presente estudo pode auxiliar o entendimento

de novas configurações das desigualdades educacionais tomando o evento do acompanhamento familiar durante o ensino remoto na pandemia da covid-19 como referência.

1 A porcentagem foi maior que 100% pois os respondentes poderiam escolher mais de uma opção.

2 No caso, foram tomados como referência os dados mais atuais e geograficamente específicos.

Perfil sociológico das famílias

Uma primeira análise dos resultados dos questionários demonstrou que a ampla maioria das respostas (92,4%) foi de mães. Apesar de mudanças demográficas a partir de meados do século XX mostrarem novos tipos de famílias e configurações do trabalho feminino (NOGUEIRA, 2006), o alto índice de respostas femininas no questionário, divulgado em grupos de pais e mães na internet, chama a atenção para a persistência do envolvimento maior das mães em assuntos de acompanhamento escolar. O envolvimento se confirma ao ter como “Mãe” 94,3% de respostas à pergunta sobre quem acompanha mais frequentemente as atividades escolares dos filhos contra 23,3% de respostas que incluíram a opção “Pai”.¹

Em relação aos afazeres domésticos, as respostas obtidas indicaram que 65,6% das mulheres são responsáveis pelas atividades domésticas, proporção diferente da identificada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2015, quando 91% das mulheres declararam realizar tarefas domésticas. As respostas ainda revelaram que 53,6% das mulheres utilizam serviços de faxineira/empregada doméstica, percentual maior que os 11% da média nacional que utiliza esse serviço profissional. (SOUZA, 2020) Por esse fator, já é possível perceber que as famílias pesquisadas, cujos filhos estudam em escolas privadas de Belo Horizonte, estavam em situação mais privilegiada, especialmente útil em um contexto em que o trabalho escolar é deslocado para o ambiente doméstico e concorre com os afazeres de limpeza e manutenção da casa.

Outra característica do perfil das famílias respondentes que demonstra favorecimento é o capital econômico indicado pela renda per capita do bairro de residência. De acordo com o Censo 2010, a renda per capita média dos bairros dos respondentes equivale a 6,1 Salários Mínimos (SMs), mais do que o dobro da média de 2,9 SMs para a cidade de Belo Horizonte.

Também é possível perceber o alto nível de recursos econômicos das famílias pela posse de alguns bens duráveis em comparação com as médias regionais e nacionais.² O percentual de famílias respondentes com carro foi de 94,2%, muito maior que a média

de 56,4% no Sudeste brasileiro, em 2019. (IBGE, 2020a) A posse de celular foi de 99,2%, enquanto a média no Sudeste brasileiro foi de 84,1%, em 2018. (IBGE, 2020c) Por fim, a posse de computador foi de 92,2% comparados aos 39% da média nacional em 2019 (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, 2020), sendo que a maioria dessas famílias (32,3%) possuem dois computadores. É importante salientar que, embora a posse de computador esteja reduzindo com o passar dos anos, o dispositivo demonstrou-se especialmente útil durante a pandemia para o acompanhamento das aulas remotas devido ao tamanho da tela e à facilidade de operação para tarefas escolares.

Com relação ao capital cultural, foi identificado alto nível de seu estado institucionalizado (BOURDIEU, 2005) medido pela escolarização dos responsáveis. 66,5% dos respondentes afirmou ter concluído uma pós-graduação (n = 209). Para os cônjuges, as respostas de conclusão de pós-graduação foram de 48,3% (n = 173). No Brasil, o nível de conclusão do Ensino Superior de pessoas com mais de 25 anos, em 2019, foi de 17,4%. (IBGE, 2020b) Nota-se também que, em termos de escolarização, a trajetória das famílias é ascendente, mas já na geração anterior a escolaridade dos pais é alta para os padrões brasileiros. 20% das mães dos respondentes e 20,2% dos pais possuem pós-graduação completa. Outro indicador de capital cultural, em seu estado objetivado, é que 69,1% das famílias responderam ter até duas estantes com livros em casa e 23,5%, três ou mais estantes.

Outra característica das famílias é a autoatribuição, pelos respondentes, de uma proficiência elevada no domínio de tecnologias, como aplicativos de celular e programas de computador. Em uma escala de 1 (muito ruim) a 5 (muito bom), as respostas 3 (32,4%), 4 (30,5%) e 5 (30%) foram as mais presentes. Mesmo considerando as limitações de uma autoavaliação, esse indicador sugere um alto acúmulo de capital cultural específico de tecnologia, o capital digital. (IGNATOW; ROBINSON, 2017) O domínio de competências e habilidades tecnológicas, ainda mais em um momento no qual as aulas e tarefas escolares acontecem em ambiente virtual, configura-se como um trunfo para assegurar o aprendizado dos filhos e amenizar os impactos negativos do ensino remoto.

No tocante à ocupação dos responsáveis, foi tomada como referência a escala de categorias ocupacionais e posição na hierarquia de *status* elaborada por Salata (2016). Essa opção deve-se ao

caráter multidimensional do *status* adaptado ao contexto brasileiro. Nessa escala, foi observado que as ocupações com maior *status* foram os profissionais das ciências jurídicas com *score* de 1,03 e as com menor *status*, os trabalhadores nos serviços domésticos em geral com -0,96. No caso dos respondentes dos questionários considerados integrantes da população ocupada, o *score* de *status* das ocupações foi de 0,52 e, no caso dos cônjuges, de 0,55, ambos no primeiro quintil considerando o total das categorias ocupacionais.³ O resultado, então, demonstra que o *status* das ocupações das famílias respondentes dos questionários pode ser considerado alto. Ainda conforme ressaltado por SALATA (2016), a escala proposta guarda correlação linear com escolaridade e rendimento. Esse fator reforça o alto acúmulo de capital cultural e econômico das famílias pesquisadas.

3 Foram desconsideradas 16 respostas relativas aos próprios respondentes e nove relativas aos cônjuges que sinalizaram "Servidor/Funcionário/Empregado público" pelo fato dessa categorização genérica não constar nas categorias ocupacionais da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) e, por isso, não ser possível a alocação na escala.

Estratégias para lidar com as atividades escolares durante o período remoto

Com o objetivo de complementar a análise do perfil sociológico dos sujeitos e compreender quais eram as estratégias utilizadas pelas famílias para lidar com as atividades escolares durante a pandemia, foram realizadas entrevistas com 21 pais e mães de alunos. As principais estratégias identificadas podem ser agrupadas em quatro categorias: "organização dos espaços domésticos", "utilização da tecnologia", "acompanhamento das atividades" e "relação dos pais com a escola".

Organização dos espaços domésticos

Conforme apresentado na seção anterior, as famílias pesquisadas, cujos filhos estavam fazendo suas tarefas escolares remotas em escolas privadas, caracterizam-se por capital econômico e cultural acima da média. As famílias, em geral, também afirmaram possuir condições materiais e culturais para assegurar um bom desenvolvimento do ensino remoto. Cabe então analisar, de forma mais específica, como se dá essa dinâmica de acompanhamento nas residências e as estratégias utilizadas pelas famílias para lidar com as tarefas escolares nessa situação adversa. Assim, as entrevistas auxiliaram na identificação dessas estratégias e do modo como elas se articulam com o perfil das famílias.

Um dos fatores identificados é a organização dos espaços. Foram identificadas, durante as entrevistas, maneiras de organizar o espaço doméstico de forma a facilitar o trabalho remoto dos pais e, principalmente, as atividades escolares dos filhos. Com relação aos pais, um exemplo é a conversão de um cômodo ocioso da casa em escritório. Várias famílias já possuíam um cômodo específico para o trabalho remoto e outras organizaram a casa para que fosse estabelecido um. A justificativa apresentada é a de que um ambiente específico de trabalho ajuda a concentração e cria uma demarcação entre o domínio doméstico e o profissional.

Para os filhos, o ambiente central no processo de aprendizagem remota é o quarto. Assim como na pesquisa de Carvalho e Nogueira (2020), sobre quartos de crianças de classes médias, na maior parte das famílias pesquisadas o quarto assume também a função de “anexo da escola” ao possuir escrivaninha, estante com livros, material escolar e, muitas vezes, computador próprio. Algumas famílias ainda relataram outros objetos que servem como suporte para o desenvolvimento intelectual e o conforto dos filhos durante as aulas, como, respectivamente, baú de fantasias “para estimular a imaginação” no caso de criança e “cadeira *gamer* chiquérrima” para o filho adolescente acompanhar as aulas.

A utilização do quarto como espaço de estudo, vista de forma a reproduzir e ser reproduzida por uma cultura de classe, é aqui entendida como operadora de desigualdades, principalmente em um momento de ensino remoto. Como exemplo disso tem-se um pai, que, em seu depoimento reconhece seu privilégio ao comparar a infraestrutura que seu filho possui àquela de alunos de escola pública em que “os meninos fazem aula assistindo televisão, às vezes na sala. Às vezes o pai [fica] cozinhando ao lado, lavando, porque as casas são menores” (Fábio,⁴ 47 anos, fisioterapeuta). A fala de Fábio sugere sua percepção das desigualdades em termos de rendimento e concentração para a execução de tarefas escolares, bem como ressalta a importância do espaço exclusivo de estudos para marcar a experiência simbólica e distintiva da privacidade, ideal caro às classes mais favorecidas. (CARVALHO; NOGUEIRA, 2020)

O estabelecimento do quarto individual do filho, equipado com infraestrutura apropriada para as atividades escolares remotas pode ser visto como a estratégia mais usual de organização dos espaços. Entretanto, essa organização, dado que as famílias atribuem importância às atividades escolares, varia a depender das condições

materiais de cada uma. Em uma das ocasiões pesquisadas, na qual o arranjo da residência não permitia o estabelecimento de um quarto individual para cada filho, a mãe relatou a compra de um fone de ouvido para cada um a fim de aumentar a concentração e a privacidade deles. Nota-se também o esforço da mãe em improvisar uma carteira escolar na sala e decorar o espaço com trabalhos infantis a fim de simular o ambiente da escola (Figura 1).

5 Autorização de uso da imagem foi emitida pela mãe ao ceder a foto ao pesquisador.

Figura 1 - Espaço de estudos



Fonte: foto cedida voluntariamente pela mãe da criança.⁵

Do outro lado do espectro, mas com as mesmas intenções, as famílias com mais condições financeiras afirmaram passar temporadas em casas de campo, mais afastadas da capital mineira. Uma das mães entrevistadas cogitava se mudar de um apartamento para uma casa, onde a criança teria mais espaço para dar vazão à sua energia física. É possível notar a centralidade da otimização do espaço doméstico voltado ao bem-estar dos filhos e à facilitação dos afazeres escolares remotos.

Utilização da tecnologia

Além da infraestrutura doméstica e da organização dos espaços, conforme exposto anteriormente, as famílias afirmaram possuir uma

infraestrutura favorável de equipamentos de informática. Porém, o que chama mais a atenção é a utilização criativa que as famílias entrevistadas fazem dos equipamentos tecnológicos.

Um dos usos frequentemente relatados é a utilização de computadores, *smartphones* e videogames para socialização com os colegas de escola. Essa é uma forma que os alunos encontraram para amenizar o prejuízo do distanciamento social. Um pai entrevistado chegou a comprar um videogame para o filho, que se sentia muito sozinho, para ele poder socializar com os colegas. Percebe-se aqui que a utilização do videogame possui um sentido que não somente é o de entretenimento, mas também de suporte psicológico e de valorização da socialização escolar.

Em outra entrevista, uma mãe de aluna do quarto ano relatou a criação de um grupo de debates voluntário e extracurricular sobre leitura *on-line*. Na ocasião, o grupo estava discutindo a série *Harry Potter*. Nesse grupo, cujos encontros aconteciam uma vez por mês, faziam parte colegas e a professora de português, mas, segundo a mãe, a condução era feita pelos próprios alunos.

Outras práticas de utilização da tecnologia identificadas nas entrevistas foram o aprimoramento das pesquisas na internet de forma a utilizar sites confiáveis, a organização das tarefas escolares em planilha de Excel e a redação de trabalhos escolares simultânea e colaborativamente com colegas de classe.

A lógica dessas práticas parece ser a de que não bastaria somente possuir o equipamento tecnológico, mas saber utilizá-lo de forma a extrair dele o máximo de possibilidades para minimizar os prejuízos do isolamento social, sejam eles em termos de socialização ou acadêmicos. Um dos pais, professor, que trabalha no suporte de tecnologia educacional de uma escola de inglês, salienta a diferença entre possuir o dispositivo e saber utilizá-lo com propósitos escolares ou mesmo formais:

Olha, essa pandemia e esse trabalho no suporte serviram para confirmar alguns palpites que eu tinha, sabe, João? O mito da geração Y, que são os experts em tecnologias... Sim e não. Sim para aquilo que promove o prazer: Instagram, para fazer os TikToks, para fazer aquelas coisas todas. Agora, para a pessoa fazer um login, sabe? Pegar uma senha, cadastrar... A menina mandou quatro e-mails vazios, com a mensagem escrita na linha de subject [...]. A pessoa tem celular, tem a tecnologia nas mãos, mas não sabe usar.
(Benjamin, 44 anos)

A passagem acima guarda lógica semelhante às pesquisas feitas nos Estados Unidos (MCCONNELL; STRAUBHAAR, 2015), Dinamarca (VAN DEURSEN; HELSPER, 2015) e Peru (VILLANUEVA-MANSILLA; NAKANO; EVARISTO, 2015) sobre a relação entre o acesso às ferramentas digitais e a disposição dos usuários para utilizá-las de maneira profícua a depender da posse de capital cultural ou capital digital. O mesmo pai ainda observa que, durante o período de isolamento social, a filha mudou o seu comportamento frente à tecnologia, passando de consumidora de conteúdo para criadora, enfatizando assim seu comportamento como agente face à tecnologia, mudança essa mais valorizada academicamente.

Outra mãe, física, também ressalta que os filhos desenvolveram habilidades digitais relevantes para as aulas remotas:

Em algumas disciplinas pediram para postar coisas... Mais para os meninos aprenderem a usar o Word, gerar um PDF, a dar upload de arquivo porque muitos não tinham traquejo para essas coisas, a gente fazia muitas coisas para eles mesmo. A gente ajudava na parte computacional, que eles tinham menos experiência mesmo.
(Simone, 48 anos)

Percebe-se, pelos excertos supracitados, que o conhecimento e o auxílio dos responsáveis no desenvolvimento de habilidades de informática dos filhos é determinante para o trabalho dos alunos nas aulas remotas. Existe, portanto, em grande parte das famílias entrevistadas, desenvolvimento de saberes, competências e habilidades digitais que possuem potencial de definir vantagens em termos de desempenho escolar.

Acompanhamento das atividades

Assim como muitos dos responsáveis entrevistados lançam mão de seu repertório de conhecimentos digitais para auxiliar os filhos com assuntos digitais, foram identificadas outras estratégias de acompanhamento escolar intenso variando o grau de acordo com o segmento no qual o aluno está matriculado e com a modalidade de trabalho feita pelos responsáveis. De forma geral, como seria esperado, os alunos mais jovens tendem a ter maior acompanhamento dos pais e os pais que conseguem acompanhar mais as crianças são os que têm a possibilidade de trabalhar em casa, no sistema de *home office*.

No entanto, alguns detalhes chamaram a atenção nas entrevistas. Um deles é a organização da rotina e a verificação próxima das atividades. Uma das mães, gerente, soube pelo grupo de responsáveis no aplicativo Whatsapp que atividades estavam sendo passadas pela escola e o filho parecia não estar fazendo e, então, decidiu organizar a vida do filho:

[...] e daí eu fui falar com ele, ele disse ‘não, mãe, tá tudo sob controle’. Então eu falei: ‘então vamos lá, vamos sentar aqui agora, vamos abrir a plataforma que eu quero ver matéria por matéria’. E aí fui olhando e estava lotado de trabalho para fazer e ele não tinha feito nada ainda. Aí eu falei: ‘pega a agenda, que você vai anotar tudo’. Aí eu comecei a fazer essa rotina de anotar na agenda. (Amanda, 50 anos)

A estratégia de controle da rotina se repetiu com outra mãe, neuropsicóloga, na elaboração de um quadro fixado na parede do escritório, que continha fichas de atividades da rotina da filha:

Então eu estava vendo que ela não estava se organizando para isso. Então sentei com ela, a gente fez até um quadrinho. Então esse é o quadro dela [mostra o quadro de atividades]. Então o que eu fiz com ela? Eu falei ‘Mi, vamos fazer uma coisa, vou fazer umas fichinhas aqui do que tem para fazer...’ [mostra as fichinhas] Pra eu ajudá-la a se organizar. Então tem uma fichinha aqui, olha, que é pendente, tá vendo? ‘O que eu estou fazendo’ e ‘o que está feito’. Por que isso? Porque teve uma gama enorme de trabalhos que ela teve. Então a gente separou assim: História, tem atividade 1 e 2, Ciências tem atividade 1, 2 e 3. A gente organizou isso de tal forma para ela se organizar na cabecinha dela ‘nossa, tenho tanta coisa para fazer’ porque depois que eu fiz esse quadro é que ela viu que ela tinha um monte de coisa para fazer e começou a se organizar. (Gilmara, 52 anos)

Os testemunhos apresentados evidenciam estratégias próximas ao “cultivo orquestrado”, conforme elaborado por Annette Laureau (2007). Segundo a autora, as famílias de classe média tendem a acompanhar de modo sistemático a rotina dos filhos, cujos aspectos escolares e extraescolares são constantemente escrutinados, sendo objeto valioso de esforço parental. O objetivo desse comportamento é otimizar a rotina para aumentar as chances de sucesso escolar e profissional.

Além do controle da rotina, foi observada nas entrevistas a estratégia parental de suplementação das atividades da escola.

Segundo os responsáveis, são várias as situações nas quais eles pesquisaram atividades na internet e em grupos de pais para atribuir aos filhos. O escopo dessas atividades variou desde exercícios de alfabetização, impressão de atividades de matemática e, para os alunos da Educação Infantil, de colorir até a cobrança de leitura de livros extras para os mais velhos, passando por explicações nas provas. Segundo a entrevistada Paloma, publicitária:

[...] a chance do pai conviver com filho... Isso para mim eu acho tão bonito. Assim no meio de um caos você tem essa oportunidade e tá todo mundo vendo só o lado da educação. A educação é dentro de casa também. Vendo como é a realidade do meu filho dentro de uma sala de aula e agora o pai tá tendo oportunidade ensinar o filho. (Paloma, 36 anos)

O testemunho nos convida à reflexão sobre o papel das desigualdades dos diferentes capitais, principalmente o capital cultural e escolar das famílias em uma situação em que o suporte parental nas atividades escolares é mais direto. Se antes da pandemia o dever de casa já era um “espelho das desigualdades educacionais e sociais” (RESENDE, 2012), o momento atual intensifica as disparidades. Os pais entrevistados afirmaram entender a importância de seu privilégio, principalmente se comparado com as famílias cujos filhos estudam em escolas públicas, como afirma Ana Andréa, empresária:

É difícil, não é todo pai de escola estadual e municipal que tem estudo para ensinar. Não tem o grau certo para poder ensinar. Ah, vai chegar um dever de matemática, e aí? Vai chegar um dever de português, e aí? Isso é preocupante, né? Isso me preocupa muito assim. (Ana Andréa, 41 anos)

Percebe-se, assim, que a escolaridade, ou a composição do capital cultural e escolar nas posições sociais das famílias, representa para a mãe um fator de desigualdade frente ao que ela imagina acontecer nas famílias de escolas públicas estaduais e municipais.

Relação dos pais com a escola

Nas respostas aos questionários, a maior parte dos responsáveis (59,7%) julgou que a imagem que eles possuem da escola não foi alterada durante a pandemia. Esse resultado sugere certa

resiliência das relações das famílias pesquisadas com as escolas privadas durante o difícil período do ensino remoto.

Não obstante, nas entrevistas, foi possível capturar nuances dessa relação. Com o ensino remoto, as famílias tiveram a possibilidade de presenciar as aulas de forma mais próxima e, consequentemente, opinar sobre a forma que essas aulas aconteciam. Marcela, por exemplo, relatou uma relação ambivalente com as aulas. Em um primeiro momento, relatou que sugeriu um trabalho sobre Vinicius de Moraes para a turma de sua filha no quarto ano e que ficou feliz quando a professora a chamou para participar da aula com toda a turma. Por outro lado, relatou que teve problemas com a professora de matemática:

[...] a professora de matemática, ela resolveu a questão errada, [...] foi corrigida até pelos próprios meninos, que é uma turma assim que o professor tem que ficar esperto. São muito inteligentes, muito vivos. Os próprios alunos corrigiram e tal. Depois disso, ela corrigiu o exercício errado, mandou a resposta errada e mandou uma errata que não ficou clara. Eu enviei alguns emails para ela e ela não me respondeu. Aí eu reclamei dessa questão, achei a professora pouco organizada e também coloquei para a escola... (Marcela, Assistente Social, 44 anos)

É possível deduzir, pelos testemunhos apresentados, que a possibilidade de interferência direta dos pais na didática escolar é ainda mais potencializada na situação de ensino remoto. Paloma relata um desses encontros com a coordenação da escola:

Eles estão fazendo os encontros no Zoom também e aí cada um na sua casa e tal só que as crianças são muito pequenas, elas não dão conta de ficar 40 minutos na frente [da tela] e não era uma coisa direcionada. Isto que eu falei com a coordenadora: quando você coloca uma coisa muito solta, os meninos não dão conta. [...] Então, o que eu propus para ela foi que cada encontro tivesse uma atividade: 'ou você coloca uma atividade direcionada aqui ou isso aqui vai ser um tempo perdido'. [...] Aí eu falei: 'se vocês se propõem a fazer alguma atividade, então vamos fazer atividade. [...] Não dá para deixar largado. (Paloma, publicitária, 36 anos)

Importante salientar que essa intervenção parental direta na vida escolar dos filhos advém de uma autopercepção de que os pais possuem as competências para definir o tipo e a quantidade de

apoio pedagógico necessários para o bom desenvolvimento escolar dos filhos. Esse comportamento, porém, deve ser analisado novamente no contexto do perfil sociocultural favorecido das famílias, que tende a criar uma prerrogativa para agir desse modo.

Considerações finais

A interrupção de aulas presenciais ao redor do globo causada pela pandemia de covid-19 vem produzindo uma ampla, intensa e duradoura crise educacional. Embora cada região geográfica esteja sendo impactada de maneira desigual a depender da conjuntura socioeconômica local, a solução encontrada pelos diversos atores educacionais convergiu para a utilização total ou parcial do ensino remoto. Por esse motivo, o deslocamento forçado das atividades do ambiente escolar para o doméstico impôs às famílias novos papéis nas relações de ensino e aprendizagem atribuindo aos pais novas responsabilidades.

A investigação apresentada, neste texto, teve como objetivo compreender o vínculo entre o perfil sociológico das famílias cujos filhos estavam matriculados em escolas privadas de Belo Horizonte/MG e as suas estratégias educacionais ao lidar com o ensino remoto. Levando em consideração a complexidade da população pesquisada e suas contradições internas, buscou-se lançar um olhar para os sujeitos mais favorecidos a fim de entender a lógica dos trunfos que eles utilizam.

Quanto ao perfil, os dados obtidos através de um questionário *on-line* revelaram que as respostas foram, em sua maioria, de mulheres com elevado capital cultural e econômico e que possuem auxílio de trabalhadoras domésticas em proporção maior que a média brasileira. As famílias afirmaram estar bem servidas de bens tecnológicos e possuir habilidades tecnológicas que evidenciam alto capital digital.

Em relação às estratégias relatadas, em entrevistas semiestruturadas, com todos os voluntários para essa etapa, foi possível perceber que elas fazem sentido quando vinculadas à posse de tipos de capitais específicos. Foi também perceptível a importância do capital econômico para poder equipar o quarto individual dos filhos com infraestrutura adequada, do capital digital para tirar melhor proveito dos dispositivos digitais, e do capital cultural para melhor acompanhar as atividades e estabelecer uma boa relação com a escola.

Obviamente, a pesquisa aqui apresentada não teve como objetivo esgotar a caracterização nem o comportamento do universo de pais cujos filhos estavam matriculados em escolas privadas. É sabido que existem sutilezas e dinâmicas peculiares a frações de classe. Diferentes frações da classe média, por exemplo, escolhem escolas privadas por diferentes motivos.⁶ Porém, foi possível perceber dimensões do favorecimento do grupo pesquisado durante a vigência do ensino remoto que advém do perfil sociológico dos responsáveis e das variadas estratégias educacionais escolhidas.

A forma com a quais as famílias pesquisadas lidam com a tecnologia, que foi um dos aspectos identificados na presente pesquisa, possui potencial inclusive de causar mudanças no cenário educacional após a retomada das aulas presenciais. É provável que, como legado do período de aprendizagem remota, novas dimensões do capital cultural, nesse caso a dimensão digital, assumam maior importância para a definição de vantagens e desvantagens educacionais.

A crise educacional imposta pela pandemia de covid-19 descortinou as desigualdades socioculturais em vários níveis. Faz-se mister que a produção científica subsidie reflexões sobre o papel das práticas familiares cotidianas na reprodução dessas desigualdades.

⁶ A esse respeito conferir Nogueira (2013) e Siqueira e Nogueira (2017) sobre as particularidades de variados segmentos da classe média na opção pela escola particular.

Referências

- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 73-79.
- CARVALHO, C. N. de; NOGUEIRA, M. A. Nascer em berço de ouro: o quarto Infantil como instância socializadora. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 41, p. 1-19, 2020.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. *TIC Domicílios: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos domicílios brasileiros 2019*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.
- DATAFOLHA. *Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias: Onda 2 - Junho/20 - Amostra Nacional*. São Paulo: Datafolha, 2020.

FORE, H. Crianças e adolescentes não podem arcar com mais um ano de interrupção escolar. *UNICEF*, Nova Iorque, 12 jan. 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/criancas-e-adolescentes-nao-podem-arcas-com-mais-um-ano-de-interrupcao-escolar>. Acesso em: 03 mar. 2021.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD)*. [S.l.]: IBGE, 2020a. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101707_informativo.pdf. Acesso em: 8 mar. 2021.

IBGE. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD): educação 2019*. [S.l.]: IBGE, 2020b. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_media/ibge/arquivos/89ec0c1b18b88b2e1b5ad7123becb548.pdf. Acesso em: 8 mar. 2021.

IBGE. PNAD Contínua TIC 2018: Internet chega a 79,1% dos domicílios do país. *Agência IBGE Notícias*, [s.l.], 29 abr. 2020c. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 4 mar. 2021.

IGNATOW, G.; ROBINSON, L. Pierre Bourdieu: theorizing the digital. *Information, Communication & Society*, London, v. 20, n. 7, p. 950-966, 2017.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça: 1995 a 2015*. Brasília, DF: IPEA, 2015. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf. Acesso em: 04 mar. 2021.

LAUREAU, A. A desigualdade invisível: o papel da classe social na criação dos filhos em famílias negras e brancas. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 46, p. 32-82, dez. 2007.

MCCONNELL, C.; STRAUBHAAR, J. Contextualizing open wifi network use with multiple capitals. In: ROBINSON, L. *et al. Studies in Media and Communications*. Bingley: Emerald Group, 2015. vol. 10. p. 205-232.

NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. *Educação e Realidade*, [s.l.], v. 31, n. 2, p. 155-169, 2006.

NOGUEIRA, M. A. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. *Análise Social*, Lisboa, v. 40, n. 176, p. 563-578, 2005.

NOGUEIRA, M. A. No fio da navalha: a (nova) classe média brasileira e sua opção pela escola particular. In: ROMANELLI, G.; NOGUEIRA, M. A.; ZAGO, N. (org.). *Família & escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes, 2013. vol. 1. p. 109-130.

SIQUEIRA, A. R.; NOGUEIRA, M. A. de L. G. Focalizando um segmento específico da rede privada de ensino: escolas particulares de baixo custo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 1005-1022, out./dez. 2017.

RESENDE, T. F. Dever de casa, espelho de desigualdades educacionais e sociais. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 28, n. 33, p. 159-184, set. 2012.

SALATA, A. R. Uma nova abordagem empírica para a hierarquia de status no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 31, n. 92, e319203, out. 2016.

SOUZA, L. Covid-19: 39% dos padrões dispensaram diaristas sem manter o pagamento. *Agência Brasil*, São Paulo, 24 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/covid-19-39-dos-patroes-dispensaram-diaristas-sem-manter-o-pagamento>. Acesso em: 08 mar. 2021.

UNICEF. *Educación en pausa: una generación de niños y niñas en América Latina*

y el Caribe está perdiendo la escolarización debido al COVID-19. Ciudad del Saber: UNICEF, 2020.

VAN DEURSEN, A.; HELSPER, E. J. The third-level digital divide: who benefits most from being online? In: ROBINSON, L. *et al. Studies in Media and Communications*. Bingley: Emerald Group, 2015. v. 10. p. 29-52.

VILLANUEVA-MANSILLA, E.; NAKANO, T.; EVARISTO, I. From divides to capitals: an exploration of digital divides as expressions of social and cultural capital. In: ROBINSON, L. *et al. Studies in Media and Communications*. Bingley: Emerald Group, 2015. v. 10. p. 89-117.

Submetido em 10/03/2021
Aceito em 29/04/2022